

Caminhantes noturnos e suas trajetórias desviantes: dificuldades metodológicas no estudo de grupos *undergrounds*^I.

Williams Souza Silva^{II} (DCS/UFS)

Resumo:

O objetivo do artigo é apresentar, de forma analítica, as dificuldades surgidas durante a realização do trabalho de dissertação de mestrado, no qual tive como objeto de estudo um grupo de jovens que assumidamente seguiam o que foi chamado de carreira desviante. A concepção de desvio usada aqui é a de *outsiders* de Becker, ou seja, são vistos como desviantes aqueles indivíduos que são assim rotulados. Referem-se aos que não seguem regras estabelecidas, contrariando aqueles que possuem o poder de classificar, e que, ao mesmo tempo, aceitam a rotulação e assumem uma carreira desviante, legitimada em suas práticas cotidianas. O grupo pesquisado é conhecido como “Galera da Catedral”, frequentadores noturnos das escadarias da Catedral Metropolitana da cidade de Aracaju/SE, que utilizam esse espaço como estratégia de reconhecimento e demarcação do que classificam de estilo de vida *underground*.

Palavras- Chave: Desvio. Estilos de Vida. *Underground*. Galera da Catedral.

Night Walkers and their deviant paths: methodological difficulties in the study of undergrounds groups

Abstract:

The objective of this article is to present in analytical form the difficulties raised during the actualisation of the master's dissertation in each I had as object of study a group of young people that declared themselves to be followers of what was called deviant career. The conception of deviance used here is Becker's “outsiders”. It is, it will be named deviant those individuals that are labled as one. It referes to the individuals that dont follow the established rules, contradicting those who have the power of classifying. But at the same time, they accept this lable and assume a deviant career legitimized in their everyday practices. The group researched is known as “Galera da Catedral” (Cathedral's guy). They are nocturne goers of the stairways of the Metropolitan Cathedral of the capital of Sergipe, Aracaju. They use this space as a strategie of recognition and demarcation of what they classify as underground's life style.

Key- words: Desviance, life style, *underground*, cathedral's guys.

Artigo recebido em 26/03/2014 e aceito em 15/04/2014.

Quem passa a noite pela Praça Olímpio Campos, no Centro da cidade de Aracaju/SE, certamente não deixa de notar a presença de um grupo de jovens sentados, bebendo, fumando e conversando descontraidamente em uma das escadarias de acesso da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Catedral Metropolitana. O grupo é conhecido por “Galera da Catedral”, estes são os que reivindicam um estilo de vida denominado por eles mesmos de *underground*, uma espécie de caricatura do que seria uma postura desviante ideal típica. Tal reconhecimento dá-se dentro de um quadro simbólico que oferece possibilidades de arranjos identitários, solicitados como legitimadores desse estilo de vida.

O grupo é formado por indivíduos com uma faixa etária compreendida entre 21 e 35 anos, de ambos os sexos, de classe econômica diferenciada, aproximadamente com um mesmo nível de instrução (ensino médio completo), moradores de bairros circunvizinhos do Centro da cidade e com aspirações artísticas: poetas, atores, músicos e artistas plásticos. Como outra característica relevante, podemos mencionar o fato de dependerem economicamente da família, por não terem trabalho fixo, serem solteiros e sem filhos.

Por que estes jovens, de visual e práticas pouco convergentes com o espaço considerado religioso, escolhem as escadarias da Igreja como lugar de encontro? Foi a primeira pergunta que me fiz, ao notar, anos atrás, a presença constante desse agrupamento de frequentadores noturnos das escadarias da Catedral. Posteriormente esta se tornou uma das minhas principais questões de pesquisa. A importância simbólica desse espaço, para a legitimação de um estilo de vida *underground* se deve a alguns fatores, a começar pelo seu histórico, uma vez que serviu de palco para boemia aracajuana durante a segunda metade do século XX. Um segundo motivo seria a sua localização, pois está situada no Centro da cidade, facilitando o acesso a outros locais de convivialidade, tais como bares de funcionamento 24h, galerias de arte e mercado central.

As escadarias da Catedral representam, portanto, o principal ponto de encontro do grupo, mas não o único, outros espaços do Centro da cidade também são apropriados por eles para suas práticas de lazer e sociabilidade. E aqui cabe uma segunda questão de pesquisa: por que o centro da cidade? Assim como ocorre em outras capitais, na área central de Aracaju, é possível encontrarmos dois cenários distintos, o dia como local de efervescência, de movimento, por conta de uma maior concentração do comércio nessa região. Assim, as ruas que fazem parte desta localidade são frequentadas todos os dias (manhãs e tardes), por transeuntes, vendedores e consumidores. À noite representando o seu exato oposto. O fechamento das lojas resulta em diminuição do fluxo de pessoas na região, e o esvaziamento do centro possibilita que este espaço se torne um lugar de práticas consideradas desviantes, por eles e, principalmente, por quem os observa.

Que abordagem metodológica adotar ao se pesquisar um grupo desviante? Como trabalhar com um grupo que de certo modo se opõe aos estudos acadêmicos e que compartilham do que por hora chamaremos de inversão de valores, em que o “pior é o melhor” e vice-versa? Essas são as questões que orientam esse artigo, que está estruturado em três abordagens principais: primeiramente uma apresentação sobre a idéia de desvio, em segundo, um debate sobre a metodologia usada para trabalho de campo e por fim, a exposição de algumas dificuldades de pesquisa e como essas dificuldades podem contribuir para a análise do grupo estudado.

1. O desvio como objeto de estudo

Antes de ser visto como um fenômeno sociológico, as explicações dadas às ações que pareciam destoar das regras sociais em geral, como as diversas modalidades de crime, os ditos vagabundos, a prostituição, o alcoolismo e tantas outras atitudes vistas como socialmente anormais, eram rotuladas genericamente como problemas psíquicos, segundo as explicações deterministas sustentadas pela teoria biológica do século XIX. Os comportamentos considerados como desviantes representavam um risco para o progresso e funcionamento equilibrado da então nascente sociedade industrial. Deste modo, os indivíduos “doentes” precisavam ser, quando possível, tratados em defesa de um desenvolvimento social harmônico.

No final do século XIX, grandes cidades européias e americanas, como Londres, Nova York, Paris, Chicago, entre outras, se encontravam em um processo de mudança nas relações sociais. O rápido crescimento industrial e urbano, o surgimento de novos estilos de vida, o aumento dos índices de criminalidade e suicídio levaram os administradores e intelectuais dessas cidades a procurarem explicações e soluções práticas, que ajudassem a entender o porquê de tantos indivíduos terem condutas consideradas como patológicas, segundo as explicações biológicas para os problemas sociais. A resposta encontrada foi a de que, tais patologias tinham origem em “indivíduos diferentes” da maioria da sociedade. A solução passava então pela classificação sistemática destas patologias, objetivando possíveis correções de condutas, ou, afastamento social dos indivíduos dados como incuráveis; em nome do equilíbrio e bom funcionamento da ordem social^{III}.

Autores das correntes, funcionalista e interacionista, como Robert Merton e Erving Goffman^{IV} se dedicaram ao estudo do desvio, como algo definido socialmente. Para Merton (1970) o desvio, ou *anomie*, seria o resultado da falta de coerência entre valores e normas em um dado sistema social. Diferente de Durkheim, Merton não acreditava que os comportamentos desviantes teriam como base o enfraquecimento dos vínculos que ligariam o indivíduo à sociedade. Segundo esse autor, os comportamentos desviantes dependeriam da estrutura social – entendida como um conjunto organizado de relações sociais – eles não poderiam ser encarados como resultados de condições biológicas.

Merton (1970) via a anomia como fato resultante das pessoas não conseguirem atingir as metas estabelecidas pela sociedade, ou seja, os desvios acontecem em resultado das pressões que o indivíduo sofre para que seja o “melhor” em uma competitividade constante. Segundo o autor, a estrutura social e cultural é a responsável por gerar as pressões favoráveis ao comportamento socialmente desviado, sobre pessoas localizadas em várias situações naquela estrutura. Em seu conceito de *anomie*, demonstra o caráter social do fenômeno, uma vez que retira a origem do desvio do indivíduo, apontando a estrutura social e cultural como as geradoras de situações de comportamento socialmente desviantes.

Os estudos de Goffman (2007) em instituições totais também contribuíram para a nascente sociologia do desvio em dois aspectos principais: a escolha metodológica feita pelo autor, com a observação participante; e a opção em tomar como problema de pesquisa, não a doença mental, mas, a capacidade dos internos desenvolverem comportamentos adaptados às normas das instituições psiquiátricas, ou seja, formas de legitimação comportamental construídas nas interações cotidianas entre os internos e a equipe médica.

Falar das contribuições de Goffman (2007) para os estudos do desvio é, de certo modo, falar de uma herança metodológico-teórica da Escola de Chicago, mas precisamente do grupo de autores que ficaram conhecidos como Interacionistas Simbólicos^V. Estes viam a sociedade como sendo formada por indivíduos e grupos em interação, orientados por um compartilhamento de sentido comum. O Interacionismo toma como objeto de estudo, as maneiras pelas quais os indivíduos se utilizam e interpretam os sistemas simbólicos e como tais símbolos criam impressões sobre si, o *self*, e mantém o senso compartilhado da realidade sobre determinada situação.

A afirmação do *self* seria então a confirmação que, da mesma forma que o indivíduo age com relação a outrem, interage consigo mesmo, tornando-se o objeto de sua própria ação. O objeto *self*, assim como outros que servem de orientação para a ação, é construído pelas definições feitas por outrem, que servirão de referência para o indivíduo ver a si mesmo e posicionar-se como membro, ou não, de um determinado grupo.

Os autores do Interacionismo entendem que as ações dos sujeitos são orientadas pelos processos interpessoais. Dessa forma, as relações sociais deixam de ser vistas como algo pré-estabelecido, passando a ser consideradas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo pelos membros de uma dada comunidade (RODRIGUES, 2005).

Segundo tal perspectiva, foram encontrados vários tipos de interações sociais que levariam à formação dos grupos sociais, cada um deles produzindo suas próprias regras e normas de conduta, validadas e aceitas por aqueles indivíduos que compõem o grupo. Nas interações sociais, os indivíduos constituem seus respectivos grupos e coletividades que influenciarão significativamente na postura, ou conduta, adotada pelo indivíduo, que também é definido nesta perspectiva como ator social.

Goffman (1985) demonstra que a essência do “eu” está intimamente relacionada à interação deste com os interlocutores. O ator, que se encontra inserido em um contexto social específico, é munido de possibilidades que o permite definir a situação, e só pode ser compreendido no contexto cultural ao qual está inserido. A interação social, afirma Goffman (1985), gera uma dialética fundamental, qual seja: ao se apresentar a outro, um indivíduo se empenha em descobrir os fatos da situação. Em posse dessas informações, leva em consideração o que pode acontecer, agindo deste modo, de acordo com o seu próprio interesse. É observado, assim, que a ação dos atores é derivada da significação que surge das interações sociais.

Nessa mesma vertente, pode-se seguir a noção de desvio como um rótulo que depende unicamente da maneira como os outros reagem ao comportamento tomado como desviante. “O indivíduo considerado desviante pode então evoluir, por um lado, no sentido das previsões do outro e, por outro lado, no dos efeitos da estigmatização que o conduzirão a adotar o estereótipo que lhe foi reprovado na origem”^{VI}.

Como afirma Goffman^{VII}, “em qualquer vida social organizada, o que se torna relevante para a interação em qualquer situação social particular está prescrito”. A concordância dos indivíduos com tais prescrições, sua aquiescência com códigos e valores reconhecidos pelo grupo, pressupõem um conjunto de regras que dirigem as situações de contato e marcam a interação dos indivíduos como uma equipe. Goffman^{VIII} chama de equipe de representação, “qualquer grupo de indivíduo que coopere na encenação de uma rotina particular” e, como platéia, “o grupo de indivíduos a qual a representação está sendo direcionada”.

A necessidade de ajuste de conduta do indivíduo, ao conjunto de sentidos ou regras de conduta aceitas pela coletividade, seria uma forma de coerção interacional. Assim, cada nova interação requer dos indivíduos um constante processo de definição e redefinição da situação. Aí estaria a lógica básica para Goffman (1985), de que os indivíduos, quando assumem a qualidade de atores, empenham-se em “manter a impressão de que vivem a

altura dos múltiplos padrões pelos quais eles e seus produtos são julgados”. Por sua difusão e variação, esses padrões levam “os indivíduos que são os atores, a viverem, mais do que poderíamos pensar, num mundo moral”^{IX}.

A contribuição dos Interacionistas para o estudo do desvio se encontra em reconhecer a existência de mecanismos sócio-culturais responsáveis por classificar quem pode ser visto como normal e quem pode ser classificado como desviantes, demonstrando assim, a existência de critérios de classificação sócio-históricas do desvio como um fenômeno social. Essa abordagem interacionista, serve aqui de ferramenta metodológica para a compreensão do grupo estudado, os que compartilham de um estilo de vida *underground*.

A definição de desvio, orientadora das análises a seguir, se afasta da ideia comumente aceita de que atos infratores, aqueles que fogem do que se construiu como normalidade, carregam em si o desvio, o não aceito socialmente, sem considerar o processo de julgamento, individual ou grupal, responsável por classificar quais as ações desviantes e os seus agentes.

Se afastando da definição de desvio como patologia, e aproximando-se da concepção de que “todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las”, regras estas que servem como pistas para leitura da situação e escolha do comportamento adequado, Becker (2008) reconhece que eles também são os responsáveis por classificar quais são os indivíduos e atitudes aceitos, e os indivíduos e atitudes negados. Esse processo de diferenciação é responsável pela identificação de quem faz parte do grupo, o “nós”, e dos que não fazem parte dele, os “outros”.

Ao reconhecer esse processo e considerar que todos os grupos sociais, os que fazem as regras e aqueles que delas se desviam, fazem parte do mesmo fenômeno, Howard Becker (2008) propõe “uma contra-revolução que devolveu à pesquisa sociológica nesta área, o caminho certo”^X. Essa “contra-revolução” consiste em reconhecer “o fato central no estudo sociológico do desvio”, qual seja, o desvio é criado socialmente pelos grupos que, ao criarem regras a serem observadas pelos seus membros, criam também os critérios de classificar os infratores destas como desviantes. Daí a noção de um “nós compartilhado” e reconhecido por todos os membros de um dado grupo, capazes de interpretar as regras e sentir o “peso” das sanções por infringi-las^{XI}.

A palavra *outsiders*, na primeira edição do livro de Becker (2008) que leva o mesmo nome, foi traduzida como marginais e desviantes, sendo marginal entendido como aquele que está à margem de determinadas fronteiras ou limites sociais. Este foi o termo utilizado por Becker para se afastar das definições de desvio que balizavam os estudos sociológicos da década de 60, no século passado. Abaixo, as concepções criticadas por ele.

Tabela 1: Definições de desvio na crítica de Howard Becker

TIPOS DE DESVIO	DEFINIÇÕES
ESTATÍSTICA (DESVIO EM RELAÇÃO À MÉDIA)	Concepção que toma o desvio como “tudo que varia excessivamente com relação à média”.
PATOLÓGICA (DEFINIÇÃO FUNCIONAL DO DESVIO)	O desvio é visto como produto de doença mental. Crença de que a origem do desvio está no indivíduo.
RELATIVÍSTICA	O desvio entendido como uma recusa em obedecer a regras de um grupo.

Sobre a primeira concepção de desvio, a estatística, Becker (2008) afirma que tal visão apresenta resultados simplistas e universalistas que não explicam a característica social e particular dos desvios. Não respondendo as preocupações de Becker (2008) sobre os aspectos

relacionais da violação de regras sociais por parte dos indivíduos. Sobre a concepção patológica, o desvio é entendido como produto de uma doença mental. É uma perspectiva que, segundo o autor, não percebe que o processo de julgamento de atos e dos indivíduos desviantes é feito socialmente pelos membros do grupo, o que torna tanto o rotulado, como quem rotula partes do mesmo fenômeno. Tal perspectiva desconsidera o aspecto político, ofuscando uma visão mais ampla do que seria o desvio. Tendo como base a idéia de saúde e doença da medicina, classificam como funcional os traços que promovem a estabilidade social, e disfuncional, os que podem diminuir essa estabilidade. O problema apontado por Becker^{XII}, sobre tal postura, é como determinar o que é funcional ou disfuncional para uma sociedade ou grupo social.

A concepção relativística do desvio é a que mais se aproxima da proposta utilizada conceitualmente por Becker (2008). Contudo, ele a aponta como limitadora, pois não considera as ambiguidades, já que para classificar o que é desviante para um grupo, seria preciso primeiro identificar quais regras deveriam ser mantidas como padrão de julgamento do que é desviante. Esta perspectiva não leva em consideração que uma sociedade seja formada por diversos grupos, e que cada grupo tenha suas regras próprias de julgar o desvio, ainda que, cada indivíduo poderá participar de diversos grupos simultaneamente.

Todas essas concepções de desvio que o tomam como “infração da regra geralmente aceita” são criticadas por Becker^{XIII} por não considerarem a questão central da problemática, qual seja: o desvio como uma invenção da sociedade, que ao criar regras, cria as possibilidades de transgressão a elas, sabendo-se que diferentes grupos consideram diferentes práticas como desviantes. “Se tomarmos como objeto de nossa atenção o comportamento que vem a ser rotulado de desviante, devemos reconhecer que não podemos saber se um dado ato será categorizado como desviante até que a reação do outro tenha ocorrido^{XIV}”.

Interpreto o termo nativo *underground* como um tipo específico de práticas desviantes. Esta expressão é utilizada para identificar àqueles indivíduos apontados como desviantes, por negarem as regras e culturas vistas como dominantes. O foco da pesquisa são os que assumem uma “carreira desviante”, que constroem seu cotidiano a partir de um estilo de vida não-convencional, freqüentadores noturnos de um *circuito* urbano que se definem e são reconhecidos como *undergrounds*.

2. Considerações metodológicas: “caminhada pelo cotidiano do grupo”

O olhar voltado ao universo *underground* de Aracaju se deve a motivos de caráter pessoal, assim como se dá a escolha de nossos objetos de estudo. Segundo alguns estudiosos da sociologia (ARON; BOURDEAU; WEBER), a construção de um objeto científico começa sempre por uma escolha que só tem justificativa subjetiva, a partir dos valores estéticos, morais e políticos do pesquisador. Deste modo, traz em sua construção as marcas das questões e interesses propostos, afinados por inquietudes sociológicas.

Esses “motivos de caráter pessoal” referem-se ao fato de freqüentar a cena *underground* desde a adolescência. Naquele momento de vida participava do Resistência, um grupo de *skatista* composto por indivíduos de variadas idades (12 a 30 anos) e sexo, oriundos de diferentes bairros e estratos sociais. Caracterizava o “Resistência” a recusa em pagar para andar em pistas privadas, afastar-se de posturas rotuladas como *magazine*^{XV} e a construção de pistas a maneira *it yourself* (faça você mesmo). Características que compõem, em menor ou maior grau, a “áurea estética” legitimadora de um estilo de vida *underground*. A proposta do grupo era a de praticar a modalidade street. Skate nas ruas. Ou seja, escadas, calçadas e corrimões do centro da cidade eram usados como obstáculos, o que configurava uma forma de

consumo não usual do skate e da arquitetura urbana da cidade, e, portanto, possibilitava a interação entre os *skatistas* e o espaço urbano.

Essas formas de uso não convencionais representam a “arte de fazer do homem ordinário” que, anonimamente propõe e pratica maneiras desviantes, não previstas a priori, de consumo dos espaços. É a bricolagem feita pelos “praticantes do ordinário” a partir de interesses e regras próprias, é a tradução do uso como fabricante de novo sentido de consumo, de estilos de vida. Nesta, o consumidor ganha uma nova dimensão, é visto como um produtor (diante de uma produção racionalizada, centralizada, imposta), capaz de gerar não novos produtos, mas novas possibilidades de usos não previstos a partir dos produtos dados (DE CERTEAU, [1990] 1994).

Andar no centro da cidade à noite e usar a(s) praça(s) e seus equipamentos possibilitou o encontro e conseqüente aproximação do “Resistência” com os frequentadores das escadarias da Catedral. A identificação entre as tribos se dava por estes convergirem nas formas de negação da “ordem das coisas”, pois, no universo *underground* os valores se invertem, de modo que o “pior é o melhor”, no sentido de que características socialmente rejeitadas como o abuso do álcool e de drogas ilícitas, vagabundagem, vestimenta aparentemente desleixada^{XVI}, são legitimadores de um estilo de vida *underground*.

A proposta metodológica foi, portanto, a “caminhada” pelo cotidiano do grupo escolhido, essa metáfora usada por De Certeau, de ser um andarilho na/da cidade, andar e “viver” as práticas, táticas ou estratégias, desses “homens ordinários”, correr os riscos da noite e suas glórias, ou revive-las, tem se mostrado mais eficaz do que ser um “voyeur” desse cotidiano. De Certeau estabelece diferenças entre as práticas do tipo táticas e as estratégias utilizadas pelos “praticantes do ordinário”. Esse praticante do ordinário é o “Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável” (De Certeau, [1990] 1994), é o “Homem Sem Qualidades^{XVII}” que munidos de sua astúcia propõe práticas desviantes de consumo, traçam trajetórias, aparentemente desprovidas de sentido, por não ser coerente com o espaço construído, escrito e pré-fabricado, com intuito de organizar o movimento, direcionar o uso. Constroem tranjetividades.

A tática refere-se à maneira de fazer do homem ordinário. São as formas diferentes demarcar socialmente o desvio. É a busca por espaço sem reivindicação de próprio. Poder inventivo dos mais fracos, as ações táticas são as astúcias de reagir à ordem dada, maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. O que pode ser observado pela maneira desviante de praticar os espaços da cidade pelo grupo escolhido: calçadas como bares, escadaria da igreja como sala de visita, entre outras maneiras desviantes de consumo dos espaços.

Ao passo que estratégia é a reivindicação do espaço como próprio, é o cálculo, manipulação, das forças que se confrontam em um lugar suscetível de ser marcado como próprio, o lugar do poder e do querer onde se gere as relações com o outro. Chamo de estratégia o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Denomino, ao contrário, “tática” como um cálculo que não se pode contar com próprio^{XVIII}.

A caminhada pelo cotidiano, observação participante, teve como intuito a coleta de dados a partir da vivência cotidiana de um grupo. Essa interação com esses indivíduos, o viver suas práticas, possibilita observar a atuação destes perante as mais diversas situações e espacialidades. Nesta perspectiva, toda observação participante é um processo de interação social. Os indivíduos em interação, pesquisador/pesquisado, buscam controlar as impressões que transmitem, sendo que é a impressão que o sujeito tem do pesquisador que determinará o grau de sucesso da pesquisa. Cada um tentará passar ao outro a melhor impressão em virtude

de seus interesses, entretanto, nem o pesquisador nem o sujeito da pesquisa alcançarão total sucesso. O pesquisador tenta penetrar na região interior (bastidores), na mesma medida que o sujeito tenta guardar os segredos da equipe (tribo), proibindo o acesso aos bastidores.

Entendendo a etnografia como o método capaz de descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais, a partir da observação e interação, no contexto de uma pesquisa, o etnógrafo descreve, em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano. A etnografia de rua (ROCHA; ECKERT, s/n), o olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002), o ser um andarilho na cidade (DE CERTEAU, 2005) foi a estratégia adotada no desenvolvimento da presente pesquisa.

A estratégia de aproximação com o grupo foi facilitada pelo fato de ter proximidade com dois frequentadores, os quais de certo modo legitimaram para os demais a presença de um pesquisador no cotidiano da tribo. De todo modo, essa “facilitação” não resolveu, como já esperado, algumas dificuldades do trabalho de campo, sobretudo no que consiste na utilização de equipamento de gravação, áudio e vídeo, na coleta de dados. O uso dessas ferramentas se mostrou inadequado ao contexto, uma vez observado a situação de incomodo quando utilizados no espaço praça, pois contribuir para um trabalho de cunho acadêmico, formal, diverge da estética *underground*.

No entanto, merece atenção o fato desses equipamentos não provocarem a mesma aversão em outros lugares como na Rua da Cultura, shows alternativos e vernissages. O problema tem sido contornado com o uso do velho diário de campo: anotações e rabiscos “traduzidos” em textos já fora do campo. Outra dificuldade de pesquisa, senão a maior delas, é o que poderia ser chamado de dualidade estética: ser um antigo *skatista* (um *underground*) e, ao mesmo tempo ser reconhecido como um acadêmico, com toda carga negativa que essa identificação possa trazer frente ao grupo a ponto dos estudantes acadêmicos serem nomeados como “universitários”, termo que dispensa tradução.

Ao mesmo tempo, ser reconhecido como *Insider*, ou seja, parte da cena *underground* facilitou o acesso à região de bastidores. Pensar e agir, compartilhar alguns valores do grupo estudado, ser aceito como parte da equipe, tem se mostrado uma vantagem no reconhecimento e abordagem de algumas nuances de difícil percepção para um outsider, alguém de fora; mas, não esquecendo a necessidade de “distanciamento” e de interpretar de maneira crítica, *Critical Insider*, no exercício de buscar a maior neutralidade possível, aos discursos e tomadas de posição a partir do quadro teórico proposto^{XIX}.

3. Cenas do cotidiano: análise sociológica

Descreverei neste tópico duas experiências que não somente ilustram as dificuldades de pesquisa encontradas, como também permitiram investigar os processos de construções de estilos de vida e de retóricas de igualdade ou diferença, marcadas ("Por que você está aqui nessa mesa? Beber é uma arte".) e proferidas ("E essa boina? Virou um revolucionário, foi?") por determinados indivíduos legitimados pelo grupo como “Tipo Ideal *underground*”, a partir de critérios de julgamento como, tempo de cena, conhecimento artístico (musical, literário, cinematográfico etc.), postura vista como típica ideal (beber, fumar, postura excêntrica), entre outros, como legítimos representantes de uma “Postura *underground*” (marginal/ordinária).

3.1 Primeira cena: "O que você está fazendo aqui nessa mesa ou Beber é uma arte".

“Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas” (De CERTEU, [1990] 1994)

Noite de Encontro Cultural da cidade de Laranjeiras que teve como atração principal a cantora de MPB Vanessa da Matta. Resolvi de última hora ir a esse show. Ao chegar lá me deparei com alguns indivíduos considerados membros da cena *underground* do Estado, entre eles, alguns freqüentadores da catedral, logo sujeitos do meu estudo. Por coincidência, ou não, estes se alocaram em uma escadaria das diversas construções histórica da cidade. Por estar situada no caminho de acesso ao espaço destinado ao evento, configurou-se como local estratégico para a prática do mangue^{xx}. Como é comum acontecer em outros momentos de festas de grande público, estavam expondo discos e livros antigos para venda, também fazendo tatuagens de rena, com intuito de "manguear algum" que garantisse a bebida, o cigarro ou ao menos a passagem de volta para casa.

Tanto por reconhecer a oportunidade de investigar/observar algumas questões de pesquisa, como por ser costureiro, juntei-me ao grupo. Ficamos por lá até minutos antes do início do show principal, então nos encaminhamos à entrada do espaço destinado as atrações musicais, contudo, ninguém entrou, como já era esperado. Estavam ali não pelo show, mas por ser um encontro cultural em uma cidade histórica e mais, uma oportunidade de beber. No final da noite, após algumas latas de cerveja e garrafas de vinho, me vi sentado à mesa com três indivíduos legitimados, segundo critérios de julgamentos a serem investigados, mas já podemos destacar como alguns desses traços, o tempo de cena e excentricidade, tido como uma legítima performance *underground*. Um deles, talvez o mais performático, olhou diretamente para mim e indagou: "O que você está fazendo aqui nessa mesa? Beber é uma arte!" Respondi: "eu quero ser igual a você". Então sorri e pedi logo outra cerveja com intuito de firmar minha posição na mesa, alguém que também está ali para beber, e não somente um pesquisador.

Este breve relato possibilita algumas reflexões à luz da teoria discutida até então. Um primeiro apontamento é com relação a mobilidade geográfica, traduzida no trajeto percorrido até a chegada a Laranjeiras pelos indivíduos do grupo. Vale ressaltar que uma parte dele percorreu todo o trajeto juntos, saíram de suas casas, encontraram-se na catedral, caminharam até a rodoviária central, pegaram o ônibus que os levaram até a cidade de Laranjeira, cerca de 50 km de Aracaju. Outros, mesmo sem combinação, simplesmente fizeram o trajeto individualmente, embora que de certa maneira contassem com a possibilidade de encontro. Apesar de ser uma cidade próxima a Aracaju, a ida desses indivíduos ao encontro interessa aqui, pelo fato de caracterizar um forte traço da tribo, produção de trajetos, nomadismo. A noção de nomadismo é aponta par uma das características das neotribos. Refere-se à mobilidade praticada, traduzidas em trajetos, pelos grupos no mapa espacial das cidades. Supõe a inexistência (ou ineficiência?) das fronteiras naturais e a inegável possibilidade de estarmos em qualquer lugar, de modo a haver cada vez menos razão para ficarmos em um lugar específico (ALMEIDA; BAUMAN; MAFFESOLI).

Seja de praça em praça, ou entre cidades do Estado, este caráter nômade é um dos traços identitários sobre o qual os indivíduos do grupo dão sentido a suas “ações de mobilidade”, nesse estudo esse termo se refere aos trajetos ditados pelas estratégias de deslocamento, sobretudo, em busca do lazer. Naquela noite o Encontro Cultural de Laranjeiras não necessariamente o show de Da Matta, mas, principalmente, a possibilidade de encontrar a tribo e beber.

O encontro daqueles que comungam um estilo de vida *underground*, aconteceu, coincidentemente ou não, nas escadarias de uma igreja próxima ao local do show e se deve a análise da situação, ou “definição da situação” (Goffman) feita no momento da chegada, a partir da leitura do espaço urbano disponível da cidade, sem conhecimento prévio (tática). A leitura da situação e o direcionamento dado a partir dela, devem levar em consideração alguns

hábitos do grupo como a venda de discos e livros, daí a escolha de um espaço de trânsito que ao mesmo tempo possibilite certa liberdade para as ações do grupo, deve ser preferencialmente longe da polícia.

Acima de tudo, a descrição da cena chama a atenção pela marcação -ou tentativa de - da diferença, na delimitação dos espaços e posições, durante interações entre indivíduos. “O que você está fazendo aqui nesta mesa, beber é uma arte!”, soou para mim como, -“caí fora você não é um dos nossos, seu lugar não é aqui”.

Apesar da relativa proximidade com a maioria dos personagens da cena, conhecendo dois deles há vários anos, me senti como outro, um telespectador para o qual um grupo de indivíduos, agindo como equipe/grupo, encenam. Naquele momento, fui colocado no lugar de telespectador sem direito a acessar informações dos bastidores, o que me levou a responder com uma ironia velada “quero ser igual a você”, e uma ação que desviasse o rumo que tomara a conversa, “garçom mais uma cerveja”. Ainda não havia passado pelos rituais de iniciação e aceitação por parte da tribo, ao menos aos olhos de alguns de seus componentes. Quais são esses rituais iniciáticos responsáveis pelo sentimento de bem estar, de se sentir-se a vontade, de ser aceito como?

Além de chamar minha atenção para forte marcação das diferenças e cobrança de postura feita por um indivíduo, amparada pela ação da equipe/grupo que, por mais que me conhecessem optou em agir como tal, reconhecendo que beber é uma arte, arte esta que eu não tinha. Serviu também para me alertar do fato que minha presença, agora não só como indivíduo aceito pelo grupo, mas, também, um pesquisador em campo e, todos os problemas de interação com seus sujeitos.

3.2 Segunda cena: "E essa boina? Virou um revolucionário, foi?"

Na Casa do Rock, espaço alternativo para shows ditos alternativos, localizada na praia da Aruana, aconteceu à apresentação de quatro bandas, sendo que a principal atração da noite foi uma banda de renome na cena Hard Core^{XXI} nacional chamada Descarga, além de uma banda local de boa visibilidade na cena *underground* intitulada, Renegades of Punk^{XXII}. Por isso (apresentação da banda Descarga), se encontrava nessa noite alguns sujeitos mais antigos na cena, uns conhecidos e outros que só conhecia por sua importância ou posição atribuída no meio. Mais uma vez na porta, "aquecendo" para o grande momento, um desses “vovôs”, integrante da "Resistência", amigo dos tempos de skate, ironicamente me perguntou: "E essa boina? Virou revolucionário, foi?". Mais uma vez senti a importância atribuída -a ponto de ser cobrada -de uma postura adequada, neste caso o uso inadequado de uma boina, acessório que não corresponde ao imaginário estético *underground*.

A expressão, “virou revolucionário” proferida em tom irônico, refere-se mais ao fato da boina acionar um imaginário, marxista, intelectualizado, comum aos membros do grupo estudado. Ora, poderíamos nos perguntar: por que as idéias marxistas vão de encontro ao conjunto de valores compartilhados pelo grupo (estética e ética)? A resposta me parece simples. Marx é eleito o inimigo número um do ideário anarquista, assim como de seu representante mais reconhecido, Bakunin. Então a operação fica fácil: sendo eu estudante acadêmico e a academia vista como um espaço intelectual de domínio marxista, logo minha boina só poderia marcar, segundo a definição da situação feita pelo indivíduo a partir de uma estética *underground*, minha mudança de postura acerca do ideal libertário, embora nunca tenha reivindicado uma identidade anarquista.

Descrevo essas pequenas aventuras etnográficas, como uma tentativa de expor os motivos pelos quais se deu a escolha de estudar a construção de um estilo de vida
Boletim Historiar, n. 03, mai./jun. 2014, p. 18-31 | <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

underground, tendo como base as retóricas de identificação e diferença produzidas por um grupo que busca legitimar, a partir de uma construção coletiva de uma estética e ética *underground*, um estilo de vida correspondente. Assim como, uma experimentação de operacionalização das idéias e conceitos dos autores selecionados, acerca do processo de construção das narrativas de identificação e diferença, negociadas por indivíduos quando agem em equipe.

Considerações finais

A “Galera da Catedral” representa para os grupos reivindicantes de um estilo de vida underground da cidade de Aracaju/SE, um arquétipo de um grupo underground. Legitimado como grupo representativo desse estilo de vida desviante, o grupo ganha autonomia que lhe permite ditar as práticas sociais possíveis de serem marcadas como undergrounds, quando assim acionada por eles. Entre essas práticas é possível destacar o consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas, vestes desleixada, vida noturna, conhecimento de uma produção artística, sobretudo a chamada de alternativa, e a participação em diversos circuitos de lazer e sociabilidade.

A autonomia e legitimidade atribuída ao grupo estudado é explicada nesse trabalho, pelo fato deste ser reconhecido como representante e guardião de um passado em que a Praça Olímpio Campos é vista como lugar de importância simbólica aos que comungam desse estilo de vida. Frequentar cotidianamente e noturnamente a praça, ficar em suas escadarias, socializando com outros grupos desviantes (prostitutas, usuários de drogas, hippies) é uma maneira da “Galera da Catedral” legitimar e manter essa posição de “herdeiro”. Mas como foi apresentado, as escadarias da praça não constitui o único espaço de convivialidade do grupo.

A escolha de outros espaços possíveis de serem ocupado se dá de acordo com a observação das permissividades que os espaços propiciarão as suas práticas desviantes. As formas de apropriação e representação de um estilo de vida underground do grupo da Catedral está intimamente relacionada, portanto, ao consumo do espaço urbano, que vem a ser visto como uma confirmação da liberdade defendida. Tais espaços se tornam quase que extensões de suas casas, e os usos destes tendem a contrariar o consumo esperado pela norma, aquele espaço.

Notas

^I Este artigo discute faz parte das discussões apresentadas em minha dissertação de mestrado que teve por tema *A Galera da Catedral: representações de um estilo de vida underground e lógicas de apropriação do espaço urbano*, financiada pela Capes/CNPq.

^{II} Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, professor substituto do Departamento de Ciências Sociais da mesma instituição e membro do grupo de pesquisa Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas, coordenado pelo professor Frank Marcon. williamssouzasilva@gmail.com.

^{III} Por exemplo, dados do início do século XX, sobre internações em hospitais psiquiátricos, apresentados por Richard Miskolci (2005) no artigo, *Do desvio às Diferenças*, no qual se dedica em reconstruir historicamente o percurso da temática de desvio na produção acadêmica das Ciências Sociais. Isso contribui para visualizar melhor o quadro de aceitação da noção de desvio como uma patologia a ser corrigida. Segundo uma tese apresentada em 1900, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dos anos de 1889 a 1898, se observou um aumento de 7849% no número de internações em hospitais psiquiátricos brasileiros. O Hospital Nacional, por exemplo, em 1889 apresentava uma média de 77 internações por ano, em 1898, dez anos depois, a média anual de internados saltou para 612 (MISKOLCI, 2005).

^{IV} GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 7.ed. São Paulo: Perspectivas, 2007.

Em linhas gerais, é chamada de Interacionismo a perspectiva sociológica que desenvolveu uma teoria baseada em micro análises da sociedade. Essa vertente se originou na Escola de Chicago, daí o Interacionismo também receber o nome dessa escola, o que posteriormente passou a ser motivo de confusão. Ambos – membros da Escola de Chicago e interacionistas – acabaram desenvolvendo posturas epistemológicas distintas, mas relacionadas a um mesmo tema: o Interacionismo (FISHER e STRUSS, s/n).

^V Em linhas gerais, é chamada de Interacionismo a perspectiva sociológica que desenvolveu uma teoria baseada em micro análises da sociedade. Essa vertente se originou na Escola de Chicago, daí o Interacionismo também receber o nome dessa escola, o que posteriormente passou a ser motivo de confusão. Ambos – membros da Escola de Chicago e interacionistas – acabaram desenvolvendo posturas epistemológicas distintas, mas relacionadas a um mesmo tema: o Interacionismo (FISHER e STRUSS, s/n).

^{VI} LIMA, Rita de Cássia Pereira. Sociologia do desvio e interacionismo. Revista Tempo social, vol.13, n.1, São Paulo, Maio, 2001, [s/p]).

^{VII} GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis/RJ. 6 ed.: Vozes,1985, p. 54.

^{VIII} GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis/RJ. 6 ed.: Vozes,1985, p. 78.

^{IX} GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis/RJ. 6 ed.: Vozes,1985, p. 230.

^X BECKER, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008, p. 12.

^{XI} BECKER, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008.

^{XII} BECKER, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008, p. 20.

^{XIII} BECKER, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008, p. 21.

^{XIV} BECKER, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008, p. 27.

^{XV} Uma analogia feita aos skatistas que primam mais pelo visual do que pela prática do skate em si.

^{XVI} Aparentemente desleixada pelo fato de que a escolha das vestes tem por objetivo provocar uma agressão visual, de modo que a escolha do “visual” segue critérios rigorosos de legitimação quem tem uma variação espacial.

^{XVII} Título dado pelo escritor austríaco Robert Musil (1880-1942) ao seu romance inacabado, referindo-se ao pequeno burguês Ulrich, figura humana antecipatória do que viria ser o homem simples da modernidade. Retirado do livro A sociabilidade do homem simples. José de Souza Martins, 2008.

^{XVIII} DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994 V. I, p. 46.

^{XIX} HODKINSON, Paul. *Goth: Identity, Style and subculture*. Nova York: Berg, 2002.

^{XX} Expressão nativa que podemos traduzir como prática do “bico”. Consiste na venda de algum produto (livros, discos, poesia, colares, brincos), ou serviço (tatuagem de rena, tranças de cabelo) feito por diversos grupos underground (hippie, punk, metal) no intuito de conseguir algum dinheiro rápido.

^{XXI} Refere-se à cena musical surgida internacionalmente através da “segunda onda do punk”, no final dos anos 70, e mais comumente a um estilo de punk rock caracterizado inicialmente por tempos extremamente acelerados, canções curtas, letras baseadas no protesto político e social, revolta e frustrações individuais, cantadas de forma agressiva.

^{XXII} Nome de uma banda punk-rock local que merecerá atenção por marcar um estado de tensão na cena vista como, Underground. A priori, posso adiantar que estes reivindicam outra estética e ética na legitimadora de um estilo de vida underground.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Isabel M. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARBOZA, Naide. Em busca de imagens perdidas: centro histórico de Aracaju(1900-1940). Aracaju: FUNCAJU, 1982.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTINGNAT. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo. UNESP, 1998.
- BECKER, Howard Saul. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (Org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo, SP: EDUC, 2008.
- CLIFFORD, James. A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX. RJ. Ed. UFRJ, 1998.
- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994 V. I.
- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994 V. II.
- FISHER, Berenice M. e STRAUSS, Anselm L. “Interacionismo”. In BOTTOMORE, T. & Nisbet, R. *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, s/a.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. RJ: LTC, 2008.
- GEERTZ, Clifford; JOSCELYNE, Vera Mello (Tradutor). *O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis/RJ. 6 ed.: Vozes, 1985.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. RJ. 4 ed.: LTC, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. RJ/DP&A, 2006.
- HODKINSON, Paul. *Goth: Identity, Style and subculture*. Nova York: Berg, 2002.
- JOAS, HASS. *O Interacionismo*. In: GIDDENS, Anthony. *Teoria social hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.
- LIMA, Elaine Ferreira. *Enobrecimento urbano e centralidades: a reinvenção do centro histórico de Aracaju*. São Cristóvão, SE, 2008. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe.
- LIMA, Rita de Cássia Pereira. *Sociologia do desvio e interacionismo*. Revista Tempo social, vol.13, n.1, São Paulo, Maio, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MERTON, Robert K. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo 1970.
- MORE, Wilbert E. *O Funcionalismo*. In: BOTTOMORE, T. e Nisbet, R. *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar.
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- SILVA, Williams Souza. *A Galera da Catedral: representações de um estilo de vida underground e lógicas de apropriação do espaço urbano*. Dissertação de Mestrado, NPPS/UFS, 2011.

- SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. RJ/Jorge Zahar Ed., 2006.
- SOUZA, Martins Jose de. *A Sociabilidade do Homem Simples*. Editora Contexto, SP, 2008.
- VELHO, Gilberto ((Org.)). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP, 2006.